

O primeiro *best-seller* da imprensa

Carlos Costa

A tradução brasileira das *Viagens de Jean Mandeville* é uma das boas notícias desta temporada. Editado pela Edusc, de Bauru, com apoio da Capes, o livro tem tradução, introdução e notas a cargo da professora Susani Silveira Lemos França, que realizou um belo trabalho.

As *Viagens* foi uma das obras com maior sucesso de público desde que começou a circular, em versões manuscritas, no final do século XIV (foi redigida por volta de 1360). Há uma longa discussão sobre a figura de seu autor, o cavaleiro inglês John de Mandeville (chamado de “fantasmagórico” por Carlo Ginzburg). Sábia, Susani Lemos França aconselha a não perder demasiado tempo sobre o autor e se fixar no relato – pois é ele que interessa.

O livro das viagens de Mandeville (os estudiosos suspeitam que ele jamais saiu de casa) é, na realidade, uma compilação baseada tanto em textos geográficos quanto em enciclopédias medievais. Após ampla circulação de versões manuscritas, traduzido a quase todos os idiomas europeus, a obra se transformou numa coqueluche da nascente imprensa: foi o primeiro *best-seller*, num momento em que o fascínio pelas descrições e viagens ao Oriente ainda tinham mais peso que os relatos sobre o Novo Mundo.

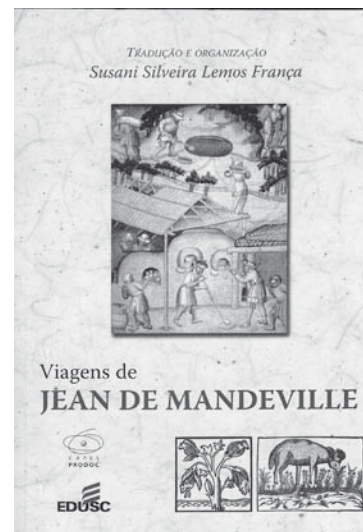
Viagens se divide em duas partes. A primeira é a narrativa piedosa de uma peregrinação à Terra Santa, espécie de guia e roteiro mapeando lugares, povos, relíquias, com informações extraídas de textos como a enciclopédia do dominicano Vicente de Beauvais (1190-1264), que por sua vez já era um mosaico de compilações. Satisfeito com o resultado desse guia, o autor se aventura a falar de outras viagens, realizadas à Índia e a Catai – atual China.

Essa segunda parte, mais fantasiosa, é certamente onde se encontram algumas das melhores pérolas do livro. O manuscrito

Viagens de Jean de Mandeville

Tradução, introdução e notas de Susani Silveira Lemos França

Bauru, SP: Edusc, 2007, 266 p.



termina com a descrição do Paraíso Terrestre e das ilhas que circundam o reino do mítico Preste João. O relato é recheado de passagens antológicas, como a descrição que o narrador faz da cruz de Cristo (no capítulo 2): “Em Constantinopla está a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, sua túnica sem suturas e a esponja e o caniço no qual os judeus lhe deram para beber, na cruz, vinagre misturado com fel”. Com a convicção própria de quem foi testemunha ocular, Mandeville descreve os quatro tipos de árvore com que a cruz foi confeccionada e os significados dessa composição. Mais adiante, explica que, ao contrário do que se pensa, a relíquia da cruz que há em Chipre não é metade da original, mas aquela em que Dimas, o bom ladrão, foi pendurado.

Há a passagem em que descreve Cantão, “que está a uma jornada do mar e é maior que Paris. Nenhuma cidade é guarnecida de barcos como essa. Nessa terra, todas as aves são duas vezes maiores do que as daqui. Há gansos brancos de pescoço ruivo, com uma grande crista na cabeça. E são em maior número do que aqui, podendo ser comprados a bom preço. Há também grande variedade de serpentes, utilizadas como manjar nobre nas

grandes festas” (cap. 22). Ele fala ainda da filha de Hipócrates, convertida em dra-gão, ou do sultão da Babilônia, a quem serviu e “teria me casado com a filha de um príncipe da terra e recebido rica herança, se tivesse re-negado meu criador”.

Comentando as virtudes e superioridade dos diamantes da Índia, escreve:

Nascem muito juntos, alguns pequenos, outros grandes, alguns do tamanho de um fei-jão, outros de uma avelã, e parecem ta-lhados por todas as partes, de forma natu-ral, sem a intervenção da mão do homem. [...] Comprovei várias vezes que, se são guardados separados com a parte da rocha onde crescem, e se regados freqüentemente com o rocio de maio, reproduzem-se visi-velmente todo o ano e os pequenos se fa-zem bem grandes (cap. 17).

Na Etiópia existem muitos tipos diferentes de gentes. Ali há pessoas que têm apenas um pé e caminham tão rápido, que é uma maravi-lha. O pé é de tal magnitude que dá sombra em todo o corpo quando a pessoa, deitada para descansar, volta-o para o sol (cap. 17).

Faz tanto calor nesta ilha que os testículos dos homens pendem até o meio das pernas, porque o terrível calor desintegra o corpo. Mas os homens dessa terra, que sabem des-sa condição, imobilizam-nos e os untam com unguentos restritivos e refrigerantes para mantê-los presos, pois caso contrário não poderiam viver (cap. 18).

Além de se deliciar com minuciosas des-crições, como essas, a edição desta narrativa clássica de viagens, agora apresentada em nosso idioma, é uma bela oportunidade de conhecer esse primeiro best-seller e de en-tender o que se passava pelo imaginário do leitor europeu no final da Idade Média. Afim-al, desde tempos remotos os relatos e sa-gas de viajantes, contando as “maravilhas” do desconhecido, prenderam a atenção do público. Sabemos que o navegador Améri-co Vespúcio, nos primeiros anos do século

XVI, escreveu um relato fantasioso de suas viagens ao Novo Mundo que se transformou num outro sucesso da nascente imprensa – *Mundus Novus* foi publicado em 1504 e teve rapidamente tradução a quase todos os idiomas europeus. Por isso, o cartógra-fo Martin Waldeseemüller, ao desenhar um novo mapa mundi com o continente que Vespúcio entendera não ser a Índia, lhe deu o nome de América.

Mas nem mesmo a descoberta do con-tinente americano arrefeceu a curiosidade do euro-peu pelas maravilhosas histórias sobre a Índia e a China e com a possibi-lidade de viajar, pela leitura, até a Terra Santa. Daí o fascínio exercido, por mais de três séculos, pelas viagens de Mandeville. E, caso raro, há um estudo sobre a recepção que esse livro teve e de como sua leitura foi decisiva na vida de outro personagem, Domenico Scandella. Segundo conta Car-lo Ginzburg no livro *O queijo e os vermes, o cotidiano e as idéias de um moleiro per-seguido pela Inquisição*, Menocchio, como era conhecido Scandella, arrendatário de moinho, foi condenado à morte em 1599 por idéias consideradas heréticas. A fonte de algumas de suas teorias, segundo se de-duz dos autos do processo que condenou Menocchio à morte, seria a leitura da nar-rativa de Mandeville. Menocchio tinha em sua biblioteca uma dúzia de livros, entre eles um exemplar de *Il cavallier Zuanne de Mandavilla*, a versão italiana das *Viagens* que Leonardo da Vinci também teve em seu acervo. Ao destrinchar o processo, que descobrira em 1970 em Udine, Ginzburg realizou um primoroso trabalho sobre a recepção que teve essa obra – finalmente traduzida ao português.

Carlos Costa é doutor em Jornalismo pela ECA-USP e professor na Faculdade Cásper Líbero.